

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E
EDUCAÇÃO DE PRIVADOS DE LIBERDADE**

CLARA BERNADETE BOFF

"...SEM ASAS, PORÉM...": as imagens de mulher na percepção de alunos Jovens e Adultos da EJA, através dos textos da Literatura Clássica e Contemporânea

Porto Alegre, 2011.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E
EDUCAÇÃO DE PRIVADOS DE LIBERDADE**

CLARA BERNADETE BOFF

"...SEM ASAS, PORÉM...": as imagens de mulher na percepção de alunos Jovens e Adultos da EJA, através dos textos da Literatura Clássica e Contemporânea

Porto Alegre, 2011.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem por objetivo apresentar uma pesquisa realizada com estudantes da EJA – Ensino Médio, em uma Escola da Rede Estadual em Porto Alegre. Esta, foi realizada através de um estudo qualitativo, baseado em princípios da Pesquisa Participante (BRANDÃO, 2006) e no referencial teórico dos estudos feministas. Foram realizadas atividades pedagógicas, durante as aulas de Literatura, que pudessem suscitar o debate em torno das questões da desigualdade entre homens e mulheres. As falas apresentaram algumas ideias para compreender como o machismo e o patriarcado se manifestam no cotidiano de jovens e adultos estudantes. Estes depoimentos apresentam “pérolas” que ratificam uma concepção de mulher subjugada e submissa, porém, já é possível perceber que algumas mulheres, estudantes da EJA, percebem que podem trilhar outros caminhos, mesmo sendo difícil.

Palavras-chave: Educação, estudos feministas, ensino de Literatura.

Questionar o que nos é imposto, sem rebeldias insensatas, mas sem demasiada sensatez. Saborear o bom, mas aqui e ali, enfrentar o ruim. Suportar sem se submeter, aceitar sem se humilhar, entregar-se sem renunciar a si mesmo e à possível dignidade. Lya Luft

Sumário

1. “...SEM ASAS, PORÉM...”: as imagens de mulher na percepção de alunos Jovens e Adultos da EJA, através dos textos da Literatura Clássica	5
2. ALGUMAS IDÉIAS PARA APRESENTAR A TEMÁTICA E AS OPÇÕES METODOLÓGICAS.....	7
2.1. Sobre o campo empírico e as escolhas metodológicas.....	8
3. “TEM AINDA MUITAS MULHERES ESCONDIDAS DENTRO DE CASA COM MEDO”: referenciais teóricos sobre patriarcado e mulheres.....	13
4. “EIS, ENTÃO, AS PÉROLAS MULTIFACETADAS”: reflexões sobre as falas registradas na prática docente.....	20
4.1. A mulher submissa	20
4.2. A mulher subjugada	21
4.3. Imagens sobre si e sobre as outras mulheres.....	26
4.4. Percepção dos homens sobre as mulheres	28
5. LITERATURA E DIÁLOGO COM AS MULHERES.....	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34
ANEXOS	36
APÊNDICE	41

1. "...SEM ASAS, PORÉM...": as imagens de mulher na percepção de alunos Jovens e Adultos da EJA, através dos textos da Literatura Clássica

Sou a primeira filha de uma família de doze filhos. Nasci numa cidade do interior, onde morei os primeiros treze anos de minha vida com meus pais e meus irmãos. Éramos simples e preservávamos valores morais de uma família católica. Estudei até a 5ª série do Ensino Fundamental, antigo primário, na Escola Estadual Rural da localidade e ajudava meus pais em todas as tarefas possíveis. Como a Escola onde poderia continuar os estudos ficava a mais de três quilômetros de distância de minha casa e era de difícil acesso, minha família decidiu que eu viria estudar em Porto Alegre numa Escola de Internato até completar a 8ª Série. Então, na conclusão do Ensino Fundamental, com dezessete anos, ingressei no mercado de trabalho e estudei o Ensino Médio, à noite. Tornei-me totalmente independente, tendo de tomar todas as decisões sobre minha vida, visto que, naquela época, minha família continuava morando no interior. Esse fato foi marcante e moldou em mim uma concepção diferenciada de relações interpessoais de (in)dependência. Iniciou-se, assim, minha trajetória de trabalhadora-estudante e de lá para cá, nunca mais parei. Concluí o Curso de Letras, Licenciatura Plena, à noite, trabalhando sempre durante o dia.

No momento da realização dos estágios, apaixonei-me pela profissão. Vale salientar, que o gosto pela leitura, ou seja, pelas "Letras", foi-me despertado ainda na primeira infância, com as primeiras historinhas infantis contadas pela minha mãe e pela minha tia. Naquela época com três ou quatro anos, lembro-me que queria aprender a ler para "viajar" naqueles mundos fantásticos da literatura infantil.

Depois de formada, comecei a trabalhar em Escolas com Ensino Regular. Foi um aprendizado e tanto. Mais tarde, quando minha filha já tinha onze anos, em 1999, iniciei o

trabalho com o antigo Supletivo, mas em seguida, em 2000 ou 2001, inicia-se a modalidade EJA, com nova proposta pedagógica.

Tenho enorme satisfação em estar até hoje trabalhando com alunos Jovens e Adultos. Posso dizer que sinto por esses sujeitos, enorme respeito enxergando-me como trabalhadora-estudante que ainda sou, em cada um deles, na sua luta, no seu cansaço e na vontade de vencer, assim como vejo também em cada aluno, um trabalhador, lutando para ter um futuro mais digno, libertando-se e rompendo estigmas.

Embora reconheça nesses sujeitos toda a sua luta, há situações peculiares que me inquietam. Observo em muitos deles uma concepção de mulher bastante antiga, as quais considero ultrapassadas. Homens que se consideram superiores às mulheres, em geral, e mulheres que consideram que devem ser submissas e subservientes aos seus parceiros, ao ponto de acharem normais as ameaças, a vigilância, a agressão verbal e física no portão da escola, o pedido de permissão para participar de um evento extraclasse da escola, como um cinema ou teatro, ou ainda, a ida a tal evento condicionada à companhia de seu companheiro, o fato de estarem melindradas, dando a eles o total direito de controlá-las e humilhá-las.

Em vista disso, pergunto-me: “Por que, ainda neste século, tantos alunos Jovens e Adultos mantêm em seus relacionamentos e condutas, tanto machismo e desrespeito à mulher? E por que as mulheres, alunas de EJA, não conseguem libertar-se dessas amarras seculares?” Essas questões me inquietam desde que acompanho esses alunos Jovens e Adultos na condição de docente.

2. ALGUMAS IDÉIAS PARA APRESENTAR A TEMÁTICA E AS OPÇÕES METODOLÓGICAS

Vivemos em um mundo em que a mulher ainda é vista como um ser humano inferior ao homem, justificando, assim, o total desrespeito a elas e a conseqüente aceitação da submissão e subserviência. Às mulheres, nesses contextos retrógrados, só não é negado o direito de trabalhar dupla ou tripla jornada de trabalho explorador e ainda cuidar da casa, de seus filhos e do “seu homem”. Portanto, para entender melhor, conforme as palavras de Eggert (2009, p. 226) também questiono: “o quanto estamos, nós mulheres, conseguindo dizer, escrever e produzir a partir do que nos é e foi legado como espaço e tempo de circulação dos nossos corpos e mentes?” Tentarei, em minha análise, apresentar acontecimentos buscando elucidar o porquê destas mulheres não perceberem, ou serem coniventes, com todo esse tempo decorrido e desperdiçado, na condição de dominação, de subserviência e submissão a qual se submetem. Também apresentarei uma revisão teórica sobre a sociedade patriarcal-capitalista a qual tem, ao longo dos últimos séculos, inferiorizado e condicionado a mulher numa perspectiva de hierarquia e dominação, não só entre homens e mulheres, mas entre classes sociais. Conforme Saffioti (1987, p. 16)

.o patriarcado, sistema de relações sociais que garante a subordinação da mulher ao homem, não constitui o único princípio estruturador da sociedade brasileira. A divisão em classes sociais,... representa outra fonte de dominação, considerada absolutamente legítima pelos poderosos.

A julgar que os homens reproduzem, nas suas relações interpessoais, o tipo de sociedade em que sobrevivem, justifica-se essa concepção de dominação da mulher, essa sensação de posse destas pelos homens, como se fossem um objeto.

2.1. Sobre o campo empírico e as escolhas metodológicas

O ambiente onde ocorreu a pesquisa de que trata este trabalho foi uma Escola Estadual de Ensino Médio na modalidade Educação de Jovens e Adultos, localizada na zona Norte de Porto Alegre. Atende alunos nos três turnos (manhã, tarde, noite). Possui turmas de Ensino Fundamental Completo (1º Ano a 8ª Série), Ensino Médio Regular (no turno da manhã) e do Ensino Médio para alunos Jovens e Adultos, à noite.

Os alunos Jovens e Adultos da EJA nesta escola são jovens que têm dezoito anos ou mais e são egressos do Ensino Médio Regular de outras Escolas e adultos trabalhadores que precisam concluir o Ensino Médio para garantir o seu emprego ou conseguir uma vaga no mercado de trabalho. Há também muitas senhoras que voltam à sala de aula, depois de terem ficado durante sua juventude trabalhando nas lides domésticas e criando seus filhos. Agora, percebendo que eles estão crescidos, querem realizar-se como pessoas, estudando e participando de outros ambientes para além do familiar.

Este trabalho teve como **objetivo**, investigar como os (as) estudantes da EJA percebem o feminino, a fim de contribuir no despertar de uma nova consciência de respeito mútuo entre os diferentes gêneros. A análise realizada neste trabalho, teve como **referenciais**, teóricas feministas que refletem sobre a dominação das mulheres, abordando os pontos de vista filosófico, sociológico, teológico e pedagógico.

Através de Álvaro Vieira Pinto (2010, p. 61) podemos pensar que a consciência ingênua não “inclui em sua representação da realidade exterior, e de si mesma, a compreensão das condições determinantes que a fazem pensar tal como pensa”. Portanto, o sujeito não percebe que suas ideias não vêm dela mesma e que têm origem em ideias anteriores. Apresenta-nos, também, o autor citado, a consciência crítica, cujas idéias são acompanhadas de uma percepção ampliada dos condicionamentos objetivos como origem do seu modo de ser, o que implica em compreender que o mundo objetivo é uma totalidade dentro do qual se encontra inserido. A consciência crítica da educação reflete sobre si, torna-se autoconsciente de que pertence ao mundo real, material, histórico, social, nacional, no qual se encontra. É, portanto, uma consciência justificativa de si. Entretanto, percebi, ao longo da pesquisa e observação realizadas, que a maioria dessas mulheres da EJA, ainda apresentam uma consciência ingênua sobre sua trajetória (ou o espaço social que lhes é de

direito) e as implicações no contexto social onde sobrevivem. Do mesmo modo, a educação que ora lhes é apresentada, não tem contribuído para despertar-lhes uma consciência crítica, a fim de que possam entender melhor a complexidade do mundo que as colocou nessa condição de seres dominados e subservientes.

A pesquisa foi realizada a partir da análise das falas dos alunos nas aulas de Literatura, expressados oralmente ou por escrito, através de atividades contextualizadas e retalhos da Literatura Brasileira Clássica. Nessas observações, usei três atividades para provocar debates e a exposição de opiniões desses sujeitos sobre o tema: "As imagens da mulher, na atualidade, na percepção de alunos Jovens e Adultos da EJA".

Durante as aulas, discutimos a crônica "As boazinhas que me perdoem" de Martha Medeiros. Neste trabalho, elaborei quatro questões bem abrangentes sobre o tema do texto, as quais foram:

1ª Esta é uma crônica da Literatura Contemporânea. Qual é o tema abordado pela autora?

2ª Qual é a crítica que a autora faz?

3ª Considerando épocas passadas, quais são as novas idéias apresentadas pela autora?

4ª Qual é a sua opinião pessoal sobre as idéias contidas nesta crônica? Explique:

Solicitei que os alunos refletissem e respondessem. No entanto, observei que as perguntas ficaram muito técnicas, apenas possibilitando analisar o conteúdo do texto, não permitindo, assim, que esses sujeitos expusessem suas experiências vividas cotidianamente, tendo como provocador, o texto em questão. Resolvi fazer novas perguntas, mais específicas e realizar novamente a atividade, ao perceber a necessidade de um enfoque menos técnico para chegar ao assunto. Estas questões serão analisadas ao longo deste trabalho de conclusão.

O trabalho seguinte foi a análise de um capítulo da obra de Machado de Assis, Dom Casmurro, intitulado "Olhos de Ressaca", depois de termos estudado o autor em aulas anteriores. Solicitei aos alunos que expusessem suas opiniões a respeito da possibilidade de traição da personagem Capitu a Bentinho, personagem principal, a partir de uma suspeita que recai sobre a mesma por apresentar seus olhos "oblíquos e dissimulados". Muitos alunos e alunas, surpreendentemente, reconhecem nessas características do olhar e silêncio

de Capitu, uma prova de que estivesse traindo Bentinho, a tal ponto de alunos manifestarem-se agressivamente a algumas colegas, por não aceitarem opinião contrária.

O terceiro trabalho realizado, foi a partir de duas reportagens do Correio do Povo de 02/04/2011 intituladas “Estado adere ao Pacto Pró-mulheres” e “Crimes chocam Rolante”. Considerei pertinente ao trabalho, a contextualização do tema no momento histórico atual, pela relevância do assunto, uma vez que essa problemática é vivenciada diariamente, também, por esses sujeitos da EJA. Elaborei algumas questões a fim de que os alunos percebessem e estabelecessem uma associação das ideias apresentadas nessas reportagens e opinassem diante de constatações, até então veladas, sobre as questões sociais pertinentes às mulheres em nossa sociedade atual.

Durante as atividades realizadas, percebi nos alunos maior espontaneidade e propriedade na expressão oral e maior dificuldade em verbalizarem seus pensamentos e opiniões nas atividades escritas. Percebendo que há limites nesta abordagem escrita, contarei também com as anotações feitas ao longo de minhas observações em aula, as quais compuseram o meu Diário de Campo.

No processo de pesquisa, percebi um crescimento na minha prática docente, visto que ao reelaborar questões mais reflexivas sobre os temas, não só proporcionei aos sujeitos que refletissem sobre suas condições de existência, como também pude obter percepções mais detalhadas de suas subjetividades em seus relatos e suas falas, os quais enriqueceram de “Pérolas” o meu Diário de Campo. “Pérola”, na concepção literal da palavra, significa o produto da dor, pois uma ostra que não foi ferida, não produz uma pérola. Ao injetar uma substância em seu interior, o nácar, ela protege-se produzindo camadas e camadas a fim de cicatrizar a ferida provocada, formando, assim, a pérola.

Tomando a “Pérola” num sentido metafórico, significa dizer que ela representa, nesse universo pesquisado, um grãozinho apenas, mas que vai crescendo, fechado, arraigado em uma série de prisões (patriarcado, machismo, preconceito, discriminação); é como se fosse um tesouro escondido valioso, ou uma ruína que vai se revelando, tornando-se desta forma, uma possibilidade de libertação das amarras de submissão, ou destruição de muitas relações harmoniosas.

Como ilustração, transcrevo algumas delas, pois as demais serão analisadas ao longo do trabalho:

Eu sou uma mulher forte, guerreira, que já venceu o machismo e que já passou por barbaridades, até agressão física vindas de meu ex-marido. Tenho orgulho da mulher que sou hoje, de ter erguido a cabeça, retomando a minha vida sem ser submissa ao homem e lutando por mim mesma. (Cláudia, 22 anos)

De acordo com as idéias de Kolontai (p.118) observamos nessa fala da aluna Cláudia que ela já se percebe como uma nova mulher, pois ao ter forças para romper com a submissão e o jugo de seu marido tornou-se forte, independente, aprendeu a valorizar-se, reconhecendo seu potencial, sem tomar-se como a sombra de um homem e sem apegar-se a um sentimentalismo de dependência e humilhação, mas uma mulher-indivíduo. Cláudia é um exemplo de uma pérola-tesouro, valiosa que surgiu da dor e opressão.

“Acho que o homem deve ser mesmo o “macho” da casa. Tem que mandá e se batê é pra mostrá quem manda” (Wilson, 19 anos).

Nesta fala anterior, é possível ver um exemplo de pérola-ruína, pois considerando a sua idade e mantendo essa concepção machista e dominadora, representa a continuidade da imposição de sofrimentos às mulheres em sua vida, conforme Safiotti (p. 16) há homens que temem perder privilégios e, por isso, lutam para assegurar sua supremacia sobre as mulheres, mesmo que seja na prática da violência física.

A minha mãe apanhava de meu pai merecidamente porque provocava. Ele trabalhava todos os dias das seis horas da manhã até as seis da tarde e quando chegava em casa, ela provocava dizendo que ela a traía com a vizinha, com as amigas. Então ela apanhava e era bem merecido. Quem mandava ela provocá? (Vera,31 anos)

Diante dessa justificativa sobre a violência feminina que Vera nos traz, constatamos a vivência na realidade, da Lenda Grega sobre Aracne e Atena (EGGERT, 2009, p.20) a qual nos conta que Atena, defensora categórica do pai, puniu Aracne por tornar público o comportamento imoral de Zeus e de outros deuses. Deusa da sabedoria, protetora das Artes e das mulheres, retratada em todas as lendas como o “braço direito” de Zeus, com crédito total para usar bem sua autoridade e proteger as prerrogativas dele. Esta Atena ainda persiste em muitas mulheres, ironicamente, ao defenderem e justificarem as violências e agressões praticadas por seus pais, maridos, irmãos, filhos, patrões, presidentes com a mesma convicção da referida deusa.

Busquei fundamentar teoricamente o trabalho realizado em Brandão (2006), na sua abordagem sobre Pesquisa Participante. Saliento quando diz que:

é um desenvolvimento endógeno, centrado no homem e na participação popular no desenvolvimento. É a metodologia que procura incentivar o desenvolvimento autônomo (autoconfiante) a partir das bases e uma relativa independência do exterior" (p.42-43)

Esta escolha justifica-se pela possibilidade de provocar uma reflexão ao próprio grupo pesquisado, tendo como finalidade um (re)pensar sobre as questões abordadas, uma vez que estavam buscando um entendimento e ponderação de suas caminhadas e lutas pela emancipação e independência.

3. “TEM AINDA MUITAS MULHERES ESCONDIDAS DENTRO DE CASA COM MEDO”: referenciais teóricos sobre patriarcado e mulheres

A fala de uma aluna adulta da EJA que trago neste título, confirma e revela a dramática situação de milhares de mulheres que ainda vivem amedrontadas, dominadas e submissas. A concepção de mulher, como ser inferior e, conseqüentemente, a sua dominação pelo homem, acontece desde muitos séculos a.C. Em Teles & Melo (2002) vimos que seu confinamento ao lar e sua subserviência ao homem foi decretada pelo legislador grego Sólon de Atenas, em 594 a.C., o qual proibia a mulher de sair à noite e as mantinha em casa durante o dia, também. No Egito Antigo, algumas mulheres eram obrigadas a executarem serviços braçais, como construção de pirâmides junto com os escravos. (p.30)

A dominação, também esteve sobre os homens, no entanto, as mulheres foram maltratadas e perseguidas de um modo diferente deles, pois, à medida em que iam envelhecendo, eles iam adquirindo posições sociais e ocupavam espaços importantes na hierarquia de poder social e as mulheres não. Os filhos, quando se tornavam pais, podiam ser chefes e, mesmo os criados (quando pais) exerciam esta condição sobre os demais criados, ou seja, iam se libertando desse jugo de dominação. A mesma sorte não tiveram as mulheres, que se mantinham, perpetuamente, sob o domínio masculino. Para garantir a supremacia masculina ao longo da história, foram impostas ideias de incapacidade, incompetência, fragilidade física, emocional e intelectual de todas as maneiras, até mesmo, usando a força da violência física. (TELES & MELO, p. 30)

Eggert (2004) cita que no Séc. XVIII, à época da Revolução Francesa, Rousseau, um dos famosos escritores da época, apresentou a “teoria das duas esferas” que consistia em atribuir ao homem atividades externas ao lar, como o trabalho, a administração de cidades (esfera pública), enquanto à mulher era determinada a maternidade e educação dos filhos, o

trabalho doméstico e o zelo aos corpos e corações. Mantinha-se, desse modo, a idéia de que lugar de mulher era no interior das casas, com postura discreta, amorosa, bondosa e mente submissa. Vivendo nessa condição servil, à mulher não era atribuída a possibilidade de pensar e participar da economia mercantil, exceto se fosse viúva. A mulher era propriedade do homem, ora filha, ora irmã, uma fêmea do homem, um mero apêndice da raça humana.

Ainda sobre o século XVIII, Eggert (2004) destaca a “Declaração dos Direitos do Homem” (datada da Revolução Francesa), a qual defendia que todos os indivíduos eram portadores da mesma Razão, por isso deveriam ter os mesmos direitos, todavia não havia como justificar a dominação da mulher pelo homem e sua exclusão da vida social. Esse princípio de igualdade foi, então ocultado da história, justificando-se com a teoria da “biologia da incomensurabilidade” ou, seja, a idéia de que haveria uma diferença biológica natural entre homens e mulheres, porquanto serem inseridos socialmente de diferentes formas. Entretanto, respaldadas pelos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade de homens brancos europeus, surgem quatro grandes mulheres que marcaram suas épocas pelas idéias e coragem à frente de seu tempo, mesmo que sofressem, com isso, discriminação, preconceito e perseguição no decorrer de suas histórias de lutas pela igualdade de direito e oportunidades às mulheres. São elas: Olympe de Gouges (1792-França); Mary Wollstonecraft (1790-Londres, Inglaterra), Elizabeth Cady Stanton (1895-Estados Unidos/Inglaterra); e finalmente uma brasileira Nísia Floresta (1838) que, inspirada nas idéias de Mary Wollstonecraft, introduz profundas mudanças na educação das mulheres em uma escola que fundou no Rio de Janeiro. Essas mulheres lançaram idéias renovadoras ao universo feminino a partir de então, ora declarando Direitos Universais das Mulheres, ora questionando a versão masculina da Bíblia.

Em questionamentos sobre a submissão milenarmente imposta sobre as mulheres na Bíblia, Gebara (2000) traz-nos suas suspeitas e inquietações na insistência de dar ênfase ao tema bíblico de que foi Eva que se deixou seduzir. Do mesmo modo, a instrução que limita a salvação das mulheres à maternidade, maternidade que deverá manter-se submissa, casta e, conseqüentemente, santa. Subtendem-se a esse ensinamento de que o corpo da mulher é objeto do pecado. Ao homem não é determinado um caminho de salvação, levando ao entendimento de que eles próprios determinam a sua salvação, pois é somente a Deus que eles devem obediência. Logo, conclui-se que a mulher necessita de uma dupla mediação – a

de Deus e dos homens- para se salvar (p.33). Em razão disso, recaem sobre as mulheres muitos *males* (pecados), aos quais ela precisa se redimir.

Através de Teles & Almeida (2002) sabe-se que, no Brasil, até o dia 10 de janeiro de 2002, ainda estava escrito no Código Civil Brasileiro que “o homem é o chefe da sociedade conjugal, função que deve ser exercida com a colaboração da mulher, no interesse comum do casal e dos filhos” (p.30), o que dimensiona a ideia de preconceito e discriminação, legitimados, a que eram submetidas as mulheres.

A sociedade brasileira, segundo Saffiotti (1987), está dividida em classes sociais. Homens dominam outros homens, homens que dominam mulheres e mulheres que dominam outras mulheres. Esse modelo de relação social entre os seres, representa o modelo sócio-econômico do país, o patriarcado-capitalista, que se mantém ao longo dos tempos.

Essa relação de dominação para Saffiotti (1987), que vem com o objetivo de trazer benefícios, resulta em prejuízos tanto ao homem, quanto à mulher. A ele, porque para ser o provedor ou chefe da família e manter-se na posição de macho dominador, tem de trabalhar muito, o que lhe restringe a convivência social com a família e o sufocamento, além do disfarce e inibição de sentimentos. A mulher, sendo um ser dominado e inferiorizado, tem sua contribuição econômica diminuída, exercendo, muitas vezes, papel de trabalhadora explorada com salário mais baixo, além de ser tratada com preconceito e discriminação. Esta ideologia machista do capitalismo, onde ao homem é concedido o direito à supremacia, é aceita tanto pelos homens como pelas mulheres.

Para Connell (1990), um dos princípios clássicos do patriarcado, é a divisão social do trabalho. Assim, Delphi (p.87) baseia uma análise da posição das mulheres na forma pela qual elas ganham seu pão diário. Ela vê o patriarcado como uma estrutura baseada no “modo familiar de produção”, no qual o trabalho das mulheres é apropriado pelos homens, o casamento funcionando basicamente como um contrato de trabalho. Em boa parte dos estudos no campo da antropologia feminista a divisão sexual do trabalho tem sido também vista como central, ao deduzir a exclusão das mulheres do poder político a partir da separação entre a esfera da economia doméstica e a economia principal.

Mill (in CONELL, 1990) argumentava que a sujeição das mulheres baseia-se na força e começou porque as mulheres são, ao mesmo tempo, mais fracas e valiosas para os homens.

Continua dizendo que esta dominação foi mantida por uma combinação de “suborno e intimidação”.

Uma síntese ao longo dessas linhas, não precisa supor que “a fraqueza, a vulnerabilidade, o parto e a lactação signifiquem que as mulheres tenham sido sempre subordinadas aos homens. A forma mais comum deste argumento na literatura recente, derivado do marxismo estruturalista, vê a família (ou a sexualidade e as relações de gênero em geral como o local da reprodução das relações de produção. (p.87)

Conforme Louro (1990)

Hoje vivemos numa sociedade em que as mulheres exercem muitas tarefas semelhantes às dos homens. Por que elas não têm uma posição mais igualitária? Algumas respostas podem ser ensaiadas. Se neste contexto, as mulheres participam do trabalho, fora do lar, realizando funções semelhantes às dos homens, deve se notar que estes, por sua vez, poucas vezes participam do trabalho dentro de casa, o qual permanece exclusivamente feminino. (p.41)

Oliveira (2003) considera que “a vida doméstica não é um bloco homogêneo de gestos cotidianos que se repetem, mas uma teia de situações de natureza diferente, às vezes antagônicas, que se tecem ao longo dos dias, envolvendo sentimentos e também os hábitos mais banais e rotineiros” (p.40). Diz a autora, em seus estudos, que este assunto continua sendo tratado com a mesma superficialidade, tornando o trabalho da mulher nessa área de total invisibilidade, causando a sensação de que a mulher não produz em casa, não imprime um caráter de seriedade à árdua tarefa de criação e educação dos filhos, os difíceis problemas econômicos enfrentados diariamente por elas que se apresentam como verdadeiros desafios, sem considerar a questão de ser um trabalho não-remunerado. Essa concepção transcende o espaço doméstico, pois é muito comum vermos mulheres desempenhando trabalhos mal-remunerados, uma verdadeira exploração de seu potencial.

Almeida (1990) declara que

fazer uma análise do que é o movimento feminista é sempre e essencialmente falar de um movimento prático, militante, mas também de um movimento teórico que, a depender do contexto histórico e da matriz dominante no movimento dos interesses concretos desenvolvidos realizou inúmeras aproximações e afastamentos com as principais correntes de pensamento teórico, tais como o liberalismo, o marxismo e a psicanálise. A relação intelectual estabelecida com o estado decorrentes de pensamento não foi de modo algum estável e reflete a permanente busca de uma identidade própria do feminismo, sem cair na armadilha do confortável gueto, com o qual, por vezes, se lhe acenou.

A Declaração de Sêneca Falls¹ têm um artigo que diz: “A história da humanidade é a história das repetidas humilhações e usurpações por parte do homem com respeito à mulher e cujo objetivo direto é o estabelecimento de uma tirania absoluta sobre elas.”

Kolontai (2007) ao analisar as relações entre os sexos afirma “que há uma crise desde o último século até os dias atuais, a qual adquire maior gravidade e insolubilidade no tempo presente. Cada um dos sexos busca o outro como a única esperança de conseguir a maior satisfação possível de prazeres espirituais e físicos para si. Cada um utiliza o outro como simples instrumento. Manifesta-se, dessa forma, o individualismo grosseiro que caracteriza nossa época.” (p.55)

Destaca-se aqui o caráter utilitarista fomentado na sociedade capitalista, que faz das mulheres um utensílio do qual podem tirar proveito, além de abordar o egoísmo exacerbado dos homens nas relações com suas esposas, companheiras, não as valorizando, nem tampouco respeitando seus sentimentos.

Segundo Kolontai (2007) “a crise sexual agrava-se muito mais com a ideia do direito da propriedade de um ser sobre o outro e o preconceito secular da desigualdade entre os sexos em todas as esferas da vida” (p. 51-52). Esta nova ideia foi construída, nas bases da propriedade privada da sociedade burguesa, a qual se contrapunha radicalmente aos princípios morais da sociedade feudal. Esta nova formação de pequena família burguesa individualista concedia ao homem o direito de ter a mulher como sua propriedade privada, concepção, esta, inoculada na psique humana ao longo dos tempos.

Também em Kolontai (2007) constatamos a existência de uma nova mulher, não só presente na literatura moderna, mas à nossa volta. Este novo tipo de mulher vive e encontramos na realidade. É a mulher que se dedica, cada dia, com maior freqüência, a todas as manifestações de vida. Uma mulher com novas necessidades e emoções.

. Apresenta-se à vida com exigência própria, que afirma sua personalidade, que protesta contra a submissão da mulher dentro do Estado, no seio da família, na sociedade; que sabe lutar por seus direitos, aquela que está bem longe de ser um eco do marido. Cessou de ser um simples reflexo do homem. Possui o seu próprio mundo interior, vive entregue a interesses humanos generosos. É independente exterior e interiormente. (p. 77 e 78). Esta é a mulher que garante seu espaço e o direito de ser respeitada como mulher, vive

¹ A **Declaração de Sêneca Falls** ocorreu de 19 a 20 de julho de 1848 na localidade de Sêneca Falls, no estado de Nova York, sendo a primeira convenção sobre os *Direitos da Mulher* nos Estados Unidos. (FONTE: Wikipédia)

a sexualidade com discrição e responsabilidade, exerce sua profissão com competência e dignidade, emancipada, uma mulher que se reconhece como um indivíduo individualidade.

Também em Eggert (2004), é possível visualizar uma nova concepção de mulher, nesse início de século XXI. Pois, ao perceberem-se reprimidas e exploradas durante tanto tempo, vão reconhecendo seus potenciais e inteligência, através de várias formas de educação popular, como grupos de trabalhos manuais, artesanais, culinários, além de leituras, reflexões, falas e escritas, compreenderem melhor este contexto de opressão e violência, para buscar sua liberdade e irem à luta na conquista de seus espaços .

Eggert (2004, p. 241) salienta que

talvez o doméstico traga cada vez mais reflexões em torno dos corpos das mulheres com bases nas experiências de inscrições pedagógicas que agora podem ser escritas pelas próprias mulheres fazendo com que a nomeação, o dizer, o escrever a palavra construa uma outra ciência: que margeia e não centraliza, que liberta e não escraviza. O caminho da fala para o texto, para as mulheres que conseguem falar e enxergar a si como seres na criação de leituras diferenciadas e cúmplices de outras angulações. Escritas fazedoras de outra ética com base nas inscrições da dor do corpo que se desdobra a cada dia..."

Freire (2000) ao indignar-se diante de fatos bárbaros da nossa sociedade contemporânea, escreveu: "Desrespeitando os fracos, enganando os incautos, ofendendo a via, explorando os outros,... discriminando a mulher não estarei ajudando meus filhos a ser sérios, justos e amorosos da vida e dos outros. "(p.67) Este é um exemplo de reflexão que deveria ser abordado seguidamente nas instituições de ensino, grupos sociais, clubes, enfim em todo ambiente que se propõe educar e conscientizar pessoas para uma convivência fraterna e justa.

Ao referir-se à prática pedagógica cotidiana Freire (2010) questiona:

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma "intimidade" entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? (p. 30)

Uma das possibilidades para vencer esses desafios da dominação e opressão sofridas pelas mulheres podemos encontrar em Paulo Freire (1970) quando ele diz: "Não basta

saber-se numa relação dialética com o opressor- seu contrário antagônico- descobrindo, por exemplo, que sem eles o opressor não existiria,(Hegel) para estarem de fato libertados. É preciso, enfatizemos, que se entreguem à práxis libertadora." (p.37)

4. “EIS, ENTÃO, AS PÉROLAS MULTIFACETADAS”: reflexões sobre as falas registradas na prática docente.

Como já dito, para o desenvolvimento desta pesquisa foi elaborado um diário de campo que acompanhou minhas observações ao longo de meu período de docência em EJA. Estes relatos e falas que apresento, foram colhidos em sala de aula, nas aulas de Literatura nas turmas que lecionei, e ainda leciono, através de observações das manifestações espontâneas, além de trabalhos escritos a partir de retalhos (fragmentos) de textos da Literatura Clássica Brasileira. Sendo assim, destaco algumas possíveis imagens de mulher presentes nas falas de alunos Jovens e Adultos da EJA Ensino Médio. Todos os nomes são fictícios, visando a preservação da identidade dos sujeitos participantes.

4.1. A mulher submissa

Era o ano de dois mil e um, meu colega, da disciplina de História, agendou uma visita cultural aos Museus Santander e MARGS como atividade interdisciplinar, em dia letivo, aos alunos da EJA. Qual não foi a minha surpresa: algumas alunas (mulheres trabalhadoras adultas) argumentaram que só participariam do evento se os professores permitissem que elas fossem acompanhadas por seus respectivos companheiros (maridos, não alunos). Outras não participaram porque foram impedidas, e demonstraram o desejo de que pudessem ter aula normal na Escola, assim não se expunham.

Neste mesmo caminho, em maio de dois mil e cinco, agendei uma sessão de cinema, cujo filme relacionava-se ao conteúdo de Literatura, em uma sala próxima da Escola, cerca de duas quadras apenas, em horário e dia letivo. Surpreendi-me com algumas alunas

(mulheres, moças adultas) que perguntaram se haveria aula normal para quem não pudesse ir. Diante disso, perguntei por quê. Elas me disseram que precisavam perguntar aos companheiros (maridos, namorados) se poderiam ir ao evento escolar. Outras perguntaram se poderiam levar o marido ou namorado como acompanhante, em vista de que “sozinhas” não ser-lhes-ia permitido. Fiquei perplexa!

Iniciava-se o segundo semestre de dois mil e nove, já entrava o mês de setembro e Paula² (jovem de 28 anos) trabalhadora doméstica, não conseguia mais vir à aula regularmente. Ausentava-se em muitos dias. Os professores se preocupavam e os colegas também. Alguns dias depois, ficamos sabendo que ela comentara com os colegas de classe que seu marido não estava permitindo sua participação às aulas, ou melhor, que ela estudasse à noite. Porém, trabalhar o dia todo, ele permitia. Consequentemente, no final do mês de setembro, Paula não agüentou mais a pressão sofrida e desistiu de estudar. Não foi mais à aula. Evadiu.

Percebemos nas atitudes dessas alunas da EJA a ideia da submissão da mulher, um ser inferior ao homem, que a ele deve obediência e subserviência, conforme análise social de Safiotti. Esta concepção de inferioridade ao macho da família está de tal forma, inculcada em suas mentes que elas cedem a qualquer tipo de pressão ou apelo, a ponto de se colocarem sempre em segundo plano, não podendo exercer o direito universal de estudar. Fica muito claro nas suas atitudes que elas se enxergam como um apêndice e propriedade do marido, de acordo com padrões do séc.XVIII, época em que as mulheres estavam no domínio do privado, o ambiente delas era o interior do lar, segundo indicação de Eggert (2004, p.228).

4.2. A mulher subjugada

Transcorria o primeiro semestre de dois mil e oito e a aluna Maria (27 anos) três filhos, estava muito entusiasmada com os estudos. Ao término de uma prova, saiu da sala e foi até o saguão de entrada conversar com seus colegas que também haviam concluído a avaliação. Repentinamente, foi surpreendida com seu marido aproximando-se dela, agredindo-a com uma bofetada, puxões de cabelo e palavras ofensivas. A Direção correu e

² Nome fictício.

socorreu-a imediatamente, seguraram o homem e chamaram a Brigada Militar. Maria ficou muito constrangida e humilhada com o fato. Não imaginava que o ciúme do marido chegasse a tal ponto. Contou-me ela, depois, que se separou do marido, porque não poderia mais admitir tanta humilhação, embora seus filhos amassem demais o Pai.

Ainda no segundo semestre de dois mil e nove, nas primeiras aulas de Literatura, surpreendi-me com a aluna Laura (22 anos) comentando com seus colegas de classe que o seu marido a vigiava enquanto permanecia estudando, à noite, e que esta vigilância acontecia desde quando saía de casa para a escola, até o momento em que ela chegasse em casa. Disse, também, que além de seu marido, outras pessoas da família (cunhados, irmãos) eram “contratados” para exercer essa vigilância de uma forma discreta, mas constante. Percebi, em suas colocações, o mal-estar e a sensação de aprisionamento em que ela se encontrava. Muitas vezes confessava que não agüentava mais aquele ciúme doentio de seu marido. Pudera!

Em Agosto de dois mil e dez, enquanto dialogava com os alunos, presenciei o desabafo de Amanda (18 anos) estudante do 1º Ano, a respeito de seu companheiro Antonio (19 anos), também aluno da Escola, com o qual ela já convivia há algum tempo. Com tristeza, a aluna queixava-se que ele tinha o costume de agredir, chutar, expulsar de casa e até matar os seus gatos (ela os levava consigo, quando foram morar juntos), aos quais ela tratava com muito carinho e mimos. Passados dois dias, falei com o aluno Antonio e numa conversa mais descontraída, entrei no assunto em questão. Para meu assombro, ele respondeu-me o seguinte: “Eu chuto os gatinhos, Professora, porque é para ela saber quem manda em casa!”

Dias depois, sugeri a Amanda que se impusesse e não permitisse essa crueldade. Orientei que ela usasse argumentos em defesa dos animais. Também falei para que ela se cuidasse, pois quem maltrata e mata animais poderia ser capaz de agredir pessoas na mesma proporção. Com certeza, a aluna falou essas e outras palavras para ele. Amanda estava apavorada, pediu-me para falar com Antônio e tentar removê-lo dessas idéias e atitudes. Ele não aceitou e mostrou-se aborrecido, bravo até. Soube depois, através da aluna, que ele a proibiu de conversar comigo. Considerou-me perigosa. Eu estava problematizando a servidão de Amanda. Porém, algum tempo depois, sem desistir, retomei o assunto com Antônio e ele me falou o seguinte: “Professora, havia uma gata com cinco gatinhos. A gata mãe ‘sumiu’ e deixou os gatinhos recém-nascidos que foram morrendo um

a um. Precisava ver, Professora, como ela chorava, como ela entrava numa depressão profunda, não saía mais de casa, semanas e semanas.!”

Observei na voz e expressão de Antonio que isso lhe deu um imenso prazer sádico de macho dominador. Era visível a sua satisfação em percebê-la tão humilhada, fragilizada, derrotada, considerando que esses gatinhos eram seus bichinhos de estimação, seus mimos. Então perguntei a Antonio: “Como você gostaria que a Amanda estivesse com você, com ou sem os gatinhos?” E ele respondeu-me: “Eu preferiria que ela estivesse morando comigo sem os gatinhos, pois aí o carinho dela seria só pra mim.” Logo depois se contradiz: “Eu gostaria que ela estivesse com os gatinhos, assim ela se sentiria mais feliz.”

A sede de dominação demonstrada nas atitudes do aluno Antônio extravasa todos os limites. Para ele importa, em primeiro lugar, segundo Safiotti (1987), seu próprio desejo, comportando-se como um pessoa desejante em busca de sua presa. Sua companheira, Amanda, é o objeto de seu desejo, e ele utiliza dos meios mais perversos de dominação para torná-la um objeto, recorrendo até a meios de violência contra seus animaizinhos de estimação. Seu egoísmo é explícito, pois exterioriza dessa forma que ele é, na relação amorosa, a pessoa que deve sentir-se plenamente feliz, não importando-lhe os sentimentos, o sofrimento e a depressão de sua companheira.

As alunas Maria e Laura vivenciaram situações constrangedoras, ao serem agredidas e vigiadas por companheiros igualmente machistas, dominadores e egoístas, de acordo com Kolontai, exigindo direitos absolutos sobre seus corpos e mentes.

Eram as primeiras semanas do segundo semestre de dois mil e dez e durante as aulas de Literatura, observei que a aluna Lenice (18 anos) estava muito inquieta, às vezes chorava, e os colegas mais próximos tentavam acalmá-la, conversando com ela. Um dos colegas conta a Lenice muitas coisas que ela queria saber. Eu não soube, no momento o que era. Após dois ou três dias, intrigada com tantos choros e desconforto da aluna em aula, perguntei a ela o que estava acontecendo. Ela então me relatou o seguinte:

Professora, eu briguei com meu namorado Joel (19 anos). Ele é aluno aqui da Escola também. Agora, Profe, ele está ameaçando de me bater e até me matar se por acaso me encontrar com outro “cara” aqui na Escola ou em qualquer lugar. Eu acabei o namoro porque não agüentava mais sua atitude agressiva, estúpida, os socos que ele me dava por motivos simples. Ele me vigia sempre em tudo que eu faço e por onde eu vou. A minha mãe me emancipou aos dezesseis anos para eu poder acompanhá-lo em todos os lugares, danceterias, baladas,... Mas ele tá

ficando muito “louco”, agressivo. Ele já me bateu num baile e a irmã dele apoiou e ameaçou de bater em mim também.

Dias depois, Lenice evadiu da Escola, pois tanto ela como sua mãe, ficaram com medo das ameaças de Joel. Temiam que ele a enfrentasse de uma forma ainda mais agressiva, ou até tentasse matá-la, tamanho era sua fúria e inconformidade com o fim do namoro. Como chegamos a este século com pessoas como este aluno que tem como referência de mulher uma propriedade sua, um objeto para satisfazer-lhe os caprichos? Que sociedade é esta que ainda cultiva estes valores retrógrados? Lastimei pela perda de mais uma aluna da EJA, e a não-visualização deste problema dramático pela “instituição de ensino”. O aluno Joel, provavelmente, convive numa ambiente que tem como modelo de núcleo social, a família patriarcal, onde os homens são dominadores e “donos” de suas mulheres.

Lúcio (45 anos) assim expressou-se em aula sobre UM “femicídio” em Rolante: “O cara não foi bobo. Ele não quis matá a mulher porque ele queria que ela criasse o filho dele de treze anos. Esse foi o castigo merecido pra ela.”

Luís (18 anos) disse, em uma das aulas “ Mulher que apanha e não reage, tem mais que *continúa* apanhando mesmo, e muito. Se não *largá* o marido, não caí fora na primeira vez que apanha. é porque gosta de *apanhá* e aí tem que *apanhá* bastante!”

Vera (31 anos) salientou

A minha vizinha apanha todos os dias do marido e não reage. Parece até que gosta! Quando eu chego em casa depois da escola, ouço quase sempre a pancadaria, e ela não reage, pois no outro dia llá está ela novamente do lado dele. Acho, então que apanha porque gosta.”

Iara (35 anos) comentou

Eu sai de casa com oito anos de idade porque meu padrasto batia em mim, no meu irmão e na minha mãe. Nunca mais voltei pra lá, mas ela (minha mãe) continua morando com ele até hoje e apanhando sempre, claro. Ela trocou os filhos para ficar com ele mesmo sendo agredida dessa forma. Acho que ela gosta ou então é porque ama esse homem desse jeito mesmo.

Certo dia, em aula, Roberto (24 anos) pergunta “Será que a Lei Maria da Penha serve também para casais gays? Será que tem agressão entre eles também? Bom, pensando bem, os gays têm que *apanhá* mesmo... tem que se *exterminá* com essa raça...”

Em maio de dois mil e dez a aula fluía tranquilamente. De repente, Júlio (21 anos) dá uma bofetada no rosto de Juliana (20 anos). A classe fica perplexa com a violência entre o

casal. A Direção é chamada e os dois alunos são levados a uma sala para conversar. O casamento ficou abalado, difícil e ainda mais porque eles têm uma filha de dois anos. Dias mais tarde conversei com Juliana e pergunto como estão e qual foi o motivo da agressão. A aluna contou-me então, que estava desempregada, o que foi o suficiente para ir desequilibrando o relacionamento, pois Júlio sentia-se sobrecarregado com a situação.

As aulas já andavam no mês de abril de dois mil e onze e a aluna Marisa (19 anos) solteira foi agredida no portão da Escola pelo ex-namorado, porque ele ficou sabendo que sua "ex" estava namorando um colega de turma. Além de agredir fisicamente a aluna, o rapaz tentou invadir a Escola e agredir o aluno também, mas foi impedido por outros que lá no portão estavam. Marisa evadiu da Escola, por medo das ameaças e de possíveis escândalos que ele prometeu fazer. Eu soube, mais tarde, que a aluna voltou a namorar esse rapaz, talvez até por intimidação.

Através de seus relatos e opiniões, estes alunos vem a confirmar a explicação que nos trazem Teles & Melo (2002) de que a violência foi o primeiro tipo contato em que o ser humano foi colocado de maneira direta. A partir daí, as pessoas aprenderam outras práticas violentas. E ela tornou-se de tal forma arraigada no âmbito das relações humanas, que é vista até hoje como natural, como se fizesse parte da natureza humana. Por isso é comum ouvir que as "mulheres gostam de apanhar" e a sociedade legitimando tais condutas violentas (TELES & MELO, 2002, p.24)

Lilian (22 anos) aluna do primeiro ano, contou ter sido casada por oito anos, tempo em que era agredida de forma violenta e, segundo ela, não sabia como agüentou tantas surras, a ponto de, em um Natal, ela ter que ir ao Pronto Socorro e operar o nariz por causa dos socos que levou de seu companheiro. O ciúme dele era doentio, justifica. Entendemos que ele a tinha como uma posse, não suportando a idéia de vê-la sair de casa. Lilian desfez o casamento e voltou para a casa dos pais. O que parece estranho na situação é que ela voltou a pedir permissão aos pais para qualquer coisa da qual precisava, como sair de casa, passear, etc., porém, através de teóricas feministas como Saffioti, é possível perceber que a subjugação das mulheres pelos homens, podem permanecer mesmo que mude a figura: ao invés do marido, o pai, o chefe, e assim por diante.

Compreendemos, também, a partir dos estudos de Teles & Melo (p.12) que a ideia julgada já ultrapassada, de que "essa mulher será minha, ou não será de ninguém" está, de certa forma introjetada, "arraigada" na mente de uma parcela significativa da humanidade.

O que parece fora de moda, persiste e é aceito. Assim como nos “romances de capa e espada” da Idade Média em que o mocinho ia lavar a honra por constrangimentos e traições sofridas, tornou-se, essa, uma prática comum e naturalmente usada por maridos, namorados e companheiros nos dias de hoje.

4.3. Imagens sobre si e sobre as outras mulheres

Em uma conversa informal entre Professora e alunas, Raíssa (24 anos) desabafa: “Chego em casa depois das onze horas da noite e meu marido pergunta: ‘Ei, tem uma janta aí?’ E eu respondo: ‘Ah, não sei, não *tou* com fome!’ Às vezes, *tou* com o estômago ardendo de fome, mas não *dô* o braço a *torcê* e vou *dormi* assim.”

Em outro momento ela diz: “Se as mulheres não mudassem, o nosso dia a dia seria cuidar de filhos, cuidar da casa e do marido. E agora não. As mulheres se mandam, mandam os maridos cuidar dos filhos, cuidar da casa.” Logo depois ela disse: “Se um dia ele me bater, já prometi que vou matá-lo.”

Destaco, algumas falas:

Iara (19 anos) disse: “Sou uma mulher totalmente decidida, sem ilusões com o príncipe no cavalo branco, e tenho atitude. Nós, mulheres, somos realistas, não queremos mais ser protegidas de nada, pois não somos bonequinhas de porcelana. Bem *independente*.”

Rosa (22 anos) “Eu vejo que cada vez somos mais independentes sem precisar passar humilhação, vergonha e mais nada por homens egoístas e machistas. Não precisamos aceitar as baixarias de um homem, somos independentes e podemos tranquilamente viver sem eles.”

Mary (28 anos) “Bom, eu não sou casada, mas sou enrolada. Baseada em mim mesma, me considero uma mulher moderna, porque eu trabalho, eu estudo, eu me divirto, eu sou independente, eu me sustento, eu pago minhas contas, não dependo de ninguém,

faço o que quero da minha vida sem ter que dar satisfação do que faço, e tenho a honra de dizer que sou mulher.”

Ivone (37 anos) “Eu me vejo muito segura de mim, pois sou independente, sou amada e me valorizo e me amo em primeiro lugar, para depois amar os próximos.”

Claudete (58 anos) “Eu era uma mulher submissa, aceitava tudo o que meu marido dizia, ele bebia, chegava em casa e me agredia. Até que um dia eu me rebelei, comecei a me dar valor, até recebia elogios de outras pessoas.”

Essas mulheres alunas da EJA, ao avaliarem sua própria imagem, definem-se como novas mulheres, pois romperam com a submissão e servidão a seus companheiros. Conforme Kolontai, elas apresentam-se lutando pela vida, de uma forma independente, buscando seus sonhos, seu espaço social e exigindo seus direitos. Dia a dia afirmam sua individualidade, não parecendo somente a sombra de um homem.

De acordo com Gebara (2011), elas estão lutando agora contra o “mal” de não saber, porque ao voltarem para a sala de aula buscam aprender conhecimentos, buscam adquirir letramento do qual estavam alienadas. O saber que pertencia a outros, agora poderá ser apreendido por elas, a fim de que se sintam inseridas socialmente.

Outras falas, também merecem destaque:

Rosa (22 anos) “Tem algumas mulheres que agem como se estivessem no passado, por aceitar ser agredidas, ou aceitar uma porção de erros de um homem, tem medo do que o marido possa fazer contra elas, temem a sua vida e a dos seus filhos.”

Mary (28 anos) “Tem muitas mulheres que se submetem ainda a situações constrangedoras, sem atitude, sem personalidade, que ainda são comandadas por homens preconceituosos que não dão o mínimo valor a elas, que ainda acham que mulher só serve para cuidar da casa.”

Sueli (20 anos) "Existem ainda mulheres que acham que o tempo não mudou, que a mulher tem obrigação de fazer tudo o que o marido manda e são agredidas e ficam em silêncio, por medo."

Lara (23 anos) "Muitas mulheres ainda vivem como dependentes de seu próprio sofrimento, por medo de tomar uma atitude."

Verônica (52 anos) "Algumas mulheres ainda são submissas a seus maridos e colocam a família na frente e elas em segundo plano."

Roberta (24 anos) "Existem ainda mulheres que se submetem aos caprichos e desejos de outras pessoas que as impedem de crescer ou, ao menos, querer crescer, conhecer coisas novas e pessoas novas. Mulheres que ficam estagnadas, à espera de algum milagre ou nem tendo ele."

Porém, essas mesmas mulheres percebem que essa imagem não é geral em todas as mulheres, pois, segundo a análise que apresentam, ainda há mulheres muito submissas, subservientes aos seus maridos, apresentando as mais diversas causas, entre elas, o medo de serem espancadas, o temor da violência aos filhos, a insegurança em assumir uma postura mais emancipada, a satisfação de caprichos de companheiros, filhos e familiares. Em análise de Safiotti (1987), vimos que estas mulheres acomodaram-se na situação de servas e objetos de dominação do macho, satisfazendo-lhes seus desejos e os desejos de sua prole. Satisfazem-se (ou não) em ser-lhes uma serviçal, sempre dispostas a preparar as refeições, lavar e passar as roupas, alcançar os seus pertences (chinelos, roupas,...) . Parece-nos não se importarem com a sua própria felicidade.

4.4. Percepção dos homens sobre as mulheres

Joel (22 anos) "As mulheres com quem convivo geralmente são estressadas, bipolares, independentes, intolerantes, amáveis, ciumentas, histéricas, complexadas e divertidas."

Gilberto (24 anos) “Tem muitas mulheres que são vagabundas, pois apanham de seus maridos, denunciam na delegacia, mas voltam para eles daí dois ou três dias.”

Celso (22 anos) “São sonhadoras, lutadora, brigam diariamente para terem só o seu trabalho, seu esforço reconhecido pela sociedade machista que não aceita ser vencida pela mulher. Algumas ainda sofrem com o medo de se revelar e lutar por seu lugar.”

Vidal (32 anos)

Quando falamos em mulher de hoje, temos que relevar a mulher que nasceu nos tempos de hoje e a que veio de ontem. Muitas mulheres de hoje, como se costuma dizer no popular, são gurias; nessas pouco se aproveita, pois agem com incoseqüência e em determinadas vezes têm atitudes escandalosas... Porém, muitas mulheres só precisam, às vezes, de uma oportunidade para ser a pessoa perfeita, pois uma mulher de verdade, sabe ser uma boa mãe, esposa, amante, dona de casa e uma excelente profissional, independente quando bem correspondida e apoiada por alguém que esteja disposto a caminhar a seu lado.

Gustavo (23 anos)

Minha mãe é uma mulher que não existe. Pra ela nada ta ruim, mas ela é do tipo de mulher “boazinha”, não gosta muito de sair etc. Mas já a guria que eu fico na escola é muito chata; de vez em quando é cheia de mania, manhosa, dengosa, e essa é ela. Outras estão passando da conta: querem mandar demais, pensando que seus maridos são seus bichinhos de pelúcia.

Através dessas falas, percebemos que o preconceito e a discriminação, assim como a figura de segundo plano como imagens femininas continuam existindo na percepção dos alunos-homens sobre as mulheres com quem eles convivem. Ocorre uma dualidade de opiniões, ora enxergam uma imagem de mulher moderna, ora a tem com reservas e não aceitam; logo, a discriminam.

Felix (20 anos) “De igual pra igual. Assim como eu trabalho e estudo, minha namorada trabalha e estuda. Tudo para podermos viver bem, fazendo o que gostamos e realizar nossos sonhos.”

Giovane (24 anos) “As mulheres que eu presencio e convivo são dos dois tipos: as guerreiras que são a maioria, mas também tem as depressivas que sofrem e precisam de ajuda, pois a qualquer obstáculo se entregam e muito submissas aos homens.”

Ari (23 anos) "Eu vejo as mulheres de hoje muito batalhadoras e que a cada tempo que passa vem conquistando o seu espaço."

Vilson (25 anos) "Eu vejo uma mulher batalhadora, esforçada, persistente, que não tem medo de nada, corre atrás dos seus objetivos e quer cada vez mais mostrar para a sociedade que é capaz de exercer as mesmas funções do homem."

Vitor (21 anos)

Eu vejo mulheres ciumentas, e cada vez mais consumistas, mais gastadeiras, muito estressadas, interesseiras. Também, na verdade, a mulher de hoje está muito diferente das de anos antes. Elas estão meio que se revoltando, ou se mostrando como elas são e como deveriam ser antigamente. Se antes elas tivessem essa atitude, muita coisa ia mudar na história das mulheres.

Alberto (25 anos) chega à sala de aula e, rapidamente troca sua cadeira pela de sua colega Ângela, justamente quando ela já está entrando na sala também. A aluna não admite que seu colega tome sua cadeira e isso acontece todos os dias. Eles discutem. Alberto mostra-se soberbo sobre as colegas mulheres e diz que não tem cadeira marcada na sala. Esta é uma forma arrogante de relacionar-se com as mulheres à sua volta. Em muitas aulas ele, propositalmente, solicita: "Vamos, vamos Professora, passe adiante no conteúdo, escreva mais no quadro, porque eu já terminei."

Suas colegas, inclusive Ângela, pedem que seja aguardado mais um pouco, pois ainda não terminaram. Percebo que ele faz isso para mostrar sua intolerância às mulheres e exibir-se como mais inteligente ou capacitado.

De acordo com os estudos de Teles & Melo (2002) vimos que muitas vezes os alunos-homens usam a violência psicológica objetivando humilhar colegas com o intuito de demonstrar-lhes que são inferiores e, portanto, não estão à altura de um homem. Devem manter-se quietas e submissas até na sala de aula. Para tanto lançam mão de veladas intimidações, como palavras grosseiras, ameaças.

Essa atitude de Alberto revela sua concepção de que "o lugar da mulher na sociedade é estar submissa ao poder masculino, resignada, quieta, acomodada, como as telhas dos telhados ou como as escamas dos peixes." (TELES & MELO,2002,p.13)

5. LITERATURA E DIÁLOGO COM AS MULHERES

Sonhar, porque se desistimos disso apaga-se a última claridade e nada mais valerá a pena. Escapar, na liberdade do pensamento, desse espírito de manada que trabalha obstinadamente para nos enquadrar, seja lá no que for. Lya Luft.

Os temas abordados na Literatura Clássica Brasileira, através de recortes de texto, trouxeram uma contribuição importantíssima para a problematização da condição da mulher ao longo da história, pois possibilitaram um olhar específico neste universo feminino tão inferiorizado e discriminado.

Nas aulas em que trabalhei o escritor Machado de Assis, mais precisamente o Romance " Dom Casmurro", ao questioná-los sobre a suposta traição feminina, que recai sobre a personagem "Capitu", no episódio do velório do amigo do casal, Escobar, em que ela fita-o, e após a explicação aos alunos de que o foco narrativo em primeira pessoa compromete a objetividade da história, pois os fatos chegam até o leitor exclusivamente pela perspectiva de Bentinho (narrador-personagem) fato apresentado ao longo da narrativa que, de forma preconceituosa e machista, incrimina sua esposa de trai-lo sem provas, usando, para isso, apenas a ótica do narrador onisciente - Bentinho) ainda assim, surpreendentemente muitos alunos e alunas manifestaram-se favoráveis à possibilidade de "Capitu" estar "traindo" seu companheiro, apenas por uma desconfiança lançada através de seu olhar oblíquo, dissimulado, "olhos de ressaca".

Um episódio, em sala de aula, que me chamou muita atenção aconteceu no momento em que se discutia se a personagem do Romance citado estava ou não, traindo seu companheiro. Repentinamente, o aluno Ismael (28 anos) declarou: "É claro que ela traiu Bentinho. Por que ela nunca se defendeu da suspeita? Quem cala consente." Em seguida, a

aluna Joyce (22 anos) responde: “Colega, eu li toda a obra e não está evidente, nem escrito em momento algum que houve traição. Eu percebi isso, é só uma suspeita. Não tem nada disso na história.”

Rapidamente, de forma agressiva, ele responde à sua colega: “Olha aqui, sua otária, eu não preciso ler toda a obra para ter certeza disso, tá na cara. Tu não vem querê me ensiná, tu não tem condições nem de respondê essas questões e ta querendo me ensiná?”

Joyce fica perplexa e constrangida. Depois, Ismael volta-se para mim e diz: “Olha aí, Professora, essa otária, metida, eu vou dá nela.” E então vira-se para ela e diz: “Tu não te mete mais comigo, sua otária. Não vem querê me ensiná...” É perceptível, nesse fato, a questão do machismo, da intolerância, e da concepção de ser superior às mulheres incutido na cultura desse aluno, exposto dessa forma em plena sala de aula.

Também expuseram-se de forma semelhante, nos trabalhos escritos, diante da seguinte questão: “...este comportamento de Capitu comprovaria sua traição por Bentinho?” Danilo (22 anos) casado, respondeu: “Sim, porque ela estava se fazendo de forte, mas estava sofrendo mais do que os outros.” Virna (22 anos-casada) respondeu: “Comprovaria, pois ela estava se segurando, se fazendo de forte, mas no fundo estava sofrendo mais que todos.” Percebi que, principalmente os alunos-homens, consideraram um ato de possível traição; mas há muitas alunas-mulheres, solteiras ou casadas, além da aluna-mulher citada, que submetidas a esta condição machista de sobrevivência, também consideraram a hipótese de traição naturalmente possível, conforme respondeu Rose (22 anos) *“a suspeita era quase confessada pelo olhar de Capitu, que não abandonava o corpo de Escobar...”* Constatamos, portanto, que o modelo de dominação, no qual a mulher é subjugada e humilhada, permanece firme em ambos os gêneros.

Em outro trabalho com poemas do Romantismo, do poeta Álvares de Azevedo, apresento textos que apresentam duas imagens distintas de mulheres do século XIX, na visão do autor: uma delas em que a mulher está envolta em puro lirismo, e a outra que quebra essa atmosfera lírica, projetando a mulher no mundo real, banal e despoetizado, com a finalidade de provocar efeito humorístico ao leitor.

Perplexamente observo Diego (19 anos) exclamando, de forma natural e com ar de satisfação: “Esse é o verdadeiro papel da mulher. É onde realmente ela tem que estar. Lugar de mulher é no tanque, lavando roupa. E na cozinha...” Então, olho para ele e não acredito no que estou ouvindo. Pergunto se é isso mesmo que ele pensa. Ele confirma. Digo-

Ihe: “Diego, deixe eu olhar bem para ti, para ver se tu não nasceu no Século XIX?”
Gargalhadas na classe. Saí abalada da sala de aula.

Em vista desses fatos ocorridos durante os trabalhos com a Literatura Clássica Brasileira, pude perceber que estas imagens diversas sobre as mulheres (submissas, subjugadas, discriminadas, tratadas com grande preconceito e intolerância) principalmente no olhar dos alunos-homens, fizeram-me compreender que o “machismo” na sociedade é um fato recorrente, podendo perpetuar-se independentemente da época histórica em que se vive. Ele permanece ao longo dos tempos e é, convenientemente, vivenciado por uma grande parcela de público que ainda não conseguiu se libertar ou entender que já houve uma grande caminhada para extingui-lo. É necessário um esforço para entender que existem direitos e deveres iguais para todos os cidadãos, mulheres e homens.

Acredito que os textos da Literatura Brasileira Clássica podem trazer uma grande contribuição para esses Sujeitos da EJA, pois através de sua leitura, reflexões, discussões e contextualização de fatos para uma releitura crítica, possibilitará maior entendimento da condição social de cada um, contribuindo dessa forma para um *empowerment* e libertação de muitos estigmas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Cybelle Crossetti de, A **Caixa de Pandora: um olhar sobre os mitos e os medos na representação da mulher**. In: Revista Educação & Realidade- Mulher & Educação. V.16, n.12, FAGED/UFRGS, Porto Alegre, Jul-dez 1990.

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Scipione, 1999.

AZEVEDO, Alvares de. **Poesia**. Rio de Janeiro: Agir, 1995.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

COLASANTI, Marina. **Longe como o meu querer**. São Paulo: Ática, 1997.

CONNEL, R. W. **Como teorizar o patriarcado?** In.: Revista Educação & Realidade - Mulher & Educação. v.16, n.12, , FAGED/UFRGS, Porto Alegre, jul-dez 1990.

EGGERT, Edla. **Narrar processos: tramas da violência doméstica e possibilidades para a educação**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009.

_____. **domÉSTICO: Espaços e tempos para as mulheres reconhecerem seus corpos e textos**. In.: STRÖER, Magda J., DEIFELT, Wanda, MUSSKOPF, André S. *À flor da Pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

_____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**, São Paulo: UNESP, 2000.

GEBARA, Ivone. **Rompendo o Silêncio: uma fenomenologia feminista do mal**. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **A crise do masculino se situa na falta de sua nova identidade**. IHUONLINE. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=710&secao=210> Acesso em: 01 mai 2011.

JORNAL CORREIO DO POVO. **Vítimas de assassinato em Rolante serão sepultadas na tarde de hoje.** Porto Alegre, 04 de maio de 2011. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/Noticias/?Noticia=289099>>. Acesso em: 01 mai 2011.

KOLONTAI, Alejandra. **A nova mulher e a moral sexual.** São Paulo: Expressão Popular, 2007.

LAGARDE Y DE LOS RIOS, Marcela. **Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas.** 4. ed. Coyoacán: Universidad Nacional Autónoma de México, 2005. 884p.

LOURO, Guacira Lopes. **Lembranças de velhas colonas italianas:** trabalho, família, educação. In.: Revista Educação & Realidade - Mulher & Educação. v.16, n.12, , FAGED/UFRGS, Porto Alegre, jul-dez 1990.

LUFT, Lya. **Pensar é Transgredir.** Rio de Janeiro, Record, 2004.

MEDEIROS, Marta. **Trem-bala.** Porto Alegre, L&PM, 1999.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy. **Reengenharia do tempo.** Rio de Janeiro, Rocco, 2003.

PINTO, Álvaro Vieira . **Sete Lições sobre Educação de Adultos.** São Paulo: Cortez, 2010.

SAFFIOTI, Heleieth. **O Poder do Macho.** São Paulo: Editora Moderna, 1987.

TELES, Maria Amélia de Almeida & MELO, Mônica de. **O que é violência contra a mulher.** São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 2002.

ANEXOS

Anexo 1
Termo assinado pela Equipe Diretiva da Escola

A U T O R I Z A Ç Ã O

Autorizo a realização da pesquisa da Especializanda CLARA BERNARDETE BOFF do Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos e Privados de Liberdade da Universidade Federal do Rio Grande do Sul sob a orientação da Profª Drª Aline Lemos da Cunha, na ESCOLA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA DOLORES ALCARAZ CALDAS– Turmas 112, 213, 313 –Totalidades 7, 8, 9- do ENSINO MÉDIO-EJA-Turno:NOITE

A especializanda fica incumbida de, anterior a efetiva publicação, apresentar os resultados de seu trabalho à Equipe Diretiva da Escola. Com destaque, é importante ressaltar que tal projeto não se trata diretamente desta Instituição de Ensino, porém esta pode vir a ser citada, sem a declaração explícita de seu nome, localização ou rede, tendo em vista que é o ambiente onde, efetivamente, ocorrem os encontros com os sujeitos da pesquisa.

Porto Alegre, 12 de maio de 2011.

* O documento original encontra-se assinado.

ANEXO 2
Termo assinado pelos estudantes.

Termo de Cessão do Uso de Informações e Cessão do Uso de Imagem.

Eu _____, carteira de Identidade nº _____,
Venho por meio desse instrumento, autorizar o uso posterior das informações e imagens coletadas durante o desenvolvimento da pesquisa da Especializanda CLARA BERNARDETE BOFF realizada como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação de Jovens e Adultos e Privados de Liberdade pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Cedo as imagens e as informações, desde que sejam devidamente informadas pela pesquisadora num movimento de devolução e retorno ao campo pesquisado. Para fins de preservação de minha identidade, solicito que seja adotado o nome fictício de: _____ quando houver referências sobre mim.

Porto Alegre, _____ de _____ de 2011.

Assinatura

* O documento original encontra-se assinado.

APÊNDICE

Conto “Sem asas, porém...”

Dura aldeia era aquela, em que às mulheres não era permitido comer carne de aves - não fossem as asas subir-lhes ao pensamento. Dura aldeia era aquela em que, apesar da proibição, voltando da caça, ao final da tarde, e sem nada mais ter conseguido abater, o marido entregou à mulher uma ave, para que a depenasse e a cozesse e fosse alimento de ambos.

E assim a mulher fez, metendo os dedos por entre as penas ainda brilhantes, arrancando-as aos punhados, e entregando à água e ao fogo aquele corpo agora morto, que a fogo e água nunca havia pertencido, mas sim ao ar e à terra.

Tivesse olhado para o alto por um minuto, tivesse detido por um instante sua tarefa e levantado o olhar e teria visto pela janela bandos daquelas mesmas aves migrando rumo ao Sul. Mas a mulher só olhava para as coisas quando precisava olhá-las e não precisando olhar o céu, não ergueu a cabeça.

Cozida a carne da ave, regalou-se, engolindo os bocados sem quase mastigar, firmou os dentes nos ossos, sugou o tutano. O marido não. Repugnou-lhe a carne tão escura. Limitou-se a molhar o pão no caldo, maldizendo sua pouca sorte de caçador.

Passados dias, a mulher nem mais se lembrava de seu raro banquete. Outras carnes assavam e eram ensopadas na cozinha daquela casa, na cozinha que era quase toda a casa.

Mas uma inquietação nova começou a tomá-la. Interrompia seus afazeres de repente, como nunca havia feito. Paradas breves, quase nada. Um suspender do queixo, um vibrar de pestana. Um alerta. Resposta do corpo a algum chamado que ela sequer ouvia. A agulha ficava parada no ar, a colher suspensa sobre a panela, as mãos metidas na tina. E a cabeça, cabeça que agora se movia com a delicadeza que só um pescoço mais longo poderia lhe dar, espetava o ar.

A mulher olhava então para aquilo de que não precisava. E olhava como se precisasse.

Só por instantes, a princípio. Em seguida, um pouco mais.

Demorando-se, olhou primeiro adiante. Adiante de si. E adiante daquilo que tinha diante de si. Por uns tempos pousando o olhar nos móveis, nos poucos móveis daquela casa e nos objetos em cima deles. Depois varando-os, varando as paredes, olhou para a distância em linha reta. O que via, não dizia, olhava, sacudia num gesto suave a cabeça. E tornava a baixá-la. A agulha descia, a colher mergulhava na panela, as mãos afundavam na tina.

Talvez levada por aquele breve sacudir de cabeça, começou a olhar para os lados. Olhava para o lado esquerdo, demorava-se, imóvel. E, súbita, voltava-se para o lado direito.

Ninguém lhe perguntava o que estava olhando. O único olhar que nela parecia importar para os outros ainda era o antigo, de quando só olhava o que era necessário.

E assim um dia aquela mulher para a qual ninguém olhava olhou o céu. Sem que tivesse chovido ou fosse chover. Sem que houvesse relâmpagos. Sem que sequer houvesse nuvens ou o tempo fosse mudar, ela olhou o céu.

Delicado fazia-se o seu pescoço agora que o movimentava ligeiro conduzindo a cabeça nas suas perscrutações. Era um pescoço pálido, protegido da luz por tantos anos de

cabeça baixa. E sobre esse pescoço a cabeça como que se estendia olhando para cima, com a mesma reta intensidade com que havia começado varando paredes.

Olhava pois para o alto, quando um bando das aves passou sobre a casa rumo ao Sul.

Há muito as folhas haviam se banhado de cobre, o solo começava a fazer-se duro no frio. E as aves de carne escura seguiam no céu em direção ao sol.

De pé, a mulher olhava. E continuou olhando até que as aves empalideceram na distância.

O vento batia os longos panos da sua saia, estalava as asas franjadas de seu xale. Não, ela não voou. E como poderia? Saiu andando, apenas. Escura como a tarde, acompanhando seu próprio olhar, saiu andando para a frente, sempre para a frente, rumo ao Sul.

(Marina Colasanti. Longe como o meu querer. São Paulo, Ática, 1997. p.57-59)